

# A ARTE DA FANTASIA, A PARTIR DE HERBERT MARCUSE

Imaculada Kangussu<sup>1</sup>

## Resumo:

O presente ensaio versa sobre a fantasia como obra de arte, tendo como base as reflexões de Herbert Marcuse. Primeiramente, apresenta as relações entre arte e fantasia, a partir da leitura que Marcuse faz de Freud. Em seguida, explicita e enfatiza a potência da fantasia relativa à produção de imagens libertadoras. E conclui com a ideia de que a liberdade experimentada através das obras de arte pode ser uma espécie de sinédoque para a liberdade maior.

**Palavras-chaves:** Freud. Surrealistas. Imaginação. Obras de arte. Dimensão estética.

## THE FANTASY OF THE ART, FROM HERBERT MARCUSE'S

## Abstract:

This essay deals with the idea of phantasy as a work of art, based on Herbert Marcuse's reflections. First, it presents the relationship between art and phantasy, from Marcuse's reading of Freud. After this, it makes explicit and stresses the power of phantasy concerning the creation of liberating images. And it concludes with the idea that the freedom experienced through the work of art can be a kind of sinedoque of a wider freedom.

**Keywords:** Freud. Surrealists. Imagination. Works of art. Aesthetic dimension.

169

Sem uma especulação e uma teorização metapsicológica – quase diria, sem uma atividade da fantasia – não poderíamos avançar um passo.

FREUD, *Análise terminável e interminável*

O conceito de fantasia desenvolvido por Herbert Marcuse vai bastante além da ideia prosaica segundo a qual a fantasia é uma forma menor de operação mental condenada, nas articulações da realidade, a ser o lugar das meras ilusões. De acordo com o filósofo, a potência de fantasiar realiza um trabalho produtivo, não opera arbitrariamente, nem é livre de determinações: é um processo psíquico sujeito a limites materiais e a vínculos bastante definidos, baseados nas condições sociais e ligados à realidade objetiva.

Em *Eros e Civilização* (*Eros and Civilization* [1955]), Marcuse parte da apresentação feita por Freud, no texto sobre os “Dois princípios de funcionamento mental”. Segundo Freud,

Com a introdução do princípio de realidade, um modo de atividade do pensamento foi separado: ele ficou livre do teste da realidade e permaneceu subordinado ao princípio de prazer apenas. É o

---

<sup>1</sup> Imaculada Maria Guimarães Kangussu fez mestrado e doutorado em Filosofia, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e pós-doutorado na School of Arts and Science da New York University (NYU), como bolsista da CAPES. Dedicou-se ao estudo de estética, filosofia da arte e teorias críticas. Leciona no Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: lekangussu@gmail.com.

ato de fantasiar (*das Phantasieren*), que começa com as brincadeiras das crianças e depois continua como divagação, abandonando sua dependência de objetos reais.<sup>2</sup>

Marcuse ressalta que quando o processo psíquico, originalmente unificado na busca do prazer, é cindido pela percepção da necessidade de recurso ao mundo exterior, a parte da psique que passa a agir segundo o princípio de realidade “obtem o monopólio de interpretar, manipular e alterar a realidade – de governar recordações e esquecimento, e mesmo de definir o que a realidade é e como deve ser usada e alterada”.<sup>3</sup> Conforme a teoria freudiana, o aparelho psíquico, que em um primeiro momento mantinha-se unido e dirigia toda sua energia à obtenção de prazer, é cindido pelo princípio de realidade e passa a ser guiado pela parte que a ele submete-se: é ela quem estabelece as normas, os objetivos, os valores, os juízos. A outra parte nascida dessa divisão desenvolve a faculdade de fantasiar, compreende a atividade mental mais autônoma em relação ao critério de realidade, permanece ligada apenas ao princípio de prazer, mesmo na consciência adulta desenvolvida, e continua potencialmente livre, porém ao preço de tornar-se irrealista, ser considerada inútil, inverídica, mero jogo, devaneio; enquanto a razão prevalece, útil e correta, mesmo que, na maior parte das vezes, repressora e desagradável.

Segundo Marcuse, a potência de fantasiar preserva a liberdade de falar a linguagem do prazer, dos desejos, da gratificação, e mantém a estrutura e as tendências psíquicas originais, anteriores à cisão provocada pela percepção simultânea da existência da realidade exterior e de si mesma como indivíduo dela separado e dela dependente. O filósofo observa que, percebido a partir da introdução do princípio de realidade, o *principium individuationis* reprime as pulsões primárias, enquanto a fantasia guarda o desejo de reunir o que foi cindido, através da dissolução deste mesmo *principium individuationis*.

Apesar de irrealista e inverídica, a fantasia realiza a mais decisiva função de toda estrutura psíquica: a de ligar os estratos profundos, arcaicos e inconscientes com os mais elevados produtos da consciência humana, na perspectiva de Marcuse, as obras de arte. A arte pode remodelar a aparência da realidade, recuperando com isso sua conotação original de técnica (*techné*), isto é, conhecimentos necessários para se produzir algo. É na capacidade de realizar o trânsito amplo

170

<sup>2</sup> FREUD. “Formulações sobre dois princípios de funcionamento mental” [1911], em *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XII, p.240. Citado por Marcuse em *Eros and Civilization: a Philosophical Inquiry into Freud*, p.140. Na tradução brasileira, *Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*; p.132.

<sup>3</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.141. Na tradução brasileira, *Eros e civilização*, p.133. O grifo é meu, e a tradução das citações retiradas deste texto também.

entre pulsões arcaicas e refinamento expressivo que reside a potência da fantasia pela qual se interessa filósofo. Em suas palavras, “a metapsicologia freudiana recoloca [*restores*] a imaginação em seus direitos”.<sup>4</sup> Esta afirmação, à qual voltaremos, é uma contribuição dos surrealistas.

A originalidade das reflexões de Marcuse reside no fato de ele ligar o processo mental denominado por Freud como *das Phantasieren* àquele que, de acordo com Kant, é realizado pela faculdade da imaginação (*Einbildungskraft*). Interessa-nos trazer à luz esse movimento posto que o próprio filósofo não o esclareça, apenas o apresente em *Eros e Civilização*. A partir dessa obra, Marcuse quase sempre utiliza o termo “imaginação”, mantendo neste a faculdade de fantasiar, conforme caracterizada pelas reflexões freudianas, sem explicitar ou redefinir o conceito. A força criativa desta união entre Kant e Freud fica assim obscura, nas obras tardias. Em *Eros e Civilização*, o autor usa o termo “fantasia” (*phantasy*), às vezes seguido da palavra “imaginação” (*imagination*) entre parênteses, outras vezes (como no comentário a Freud acima citado) utiliza apenas “imaginação”, renunciando a união que fará entre as duas faculdades. Depois desse livro, raramente escreve *phantasy*, sem, entretanto, abandonar seu sentido semântico, que passa a incidir no que ele também denominará “imaginação”. É ainda importante ressaltar que Marcuse nunca escreve *fantasy* nem *fancy*, termos correntes em inglês, e, ao usar *phantasy*, indica a origem grega do conceito.

171

De acordo com o filósofo, a fantasia – como processo psíquico fundamental – tem um valor de verdade próprio, identificado com a sua capacidade de ultrapassar os antagonismos da realidade e de visar à conciliação do indivíduo com o todo, do sonho com a razão, do desejo com sua efetivação. A possibilidade deste tipo de harmonia foi removida, pelo princípio de realidade, para a dimensão da utopia, enquanto a fantasia insiste em torná-la real. Como se houvesse um saber envolvido neste desejo, julga Marcuse,

para preservar no presente, como meta, o que ainda não está presente, a fantasia é necessária. Que a fantasia se relacione de modo essencial com a filosofia, resulta da função que foi designada sob o título de imaginação pelos filósofos, particularmente por Aristóteles e Kant. Devido a sua capacidade única de “intuir” um objeto mesmo ausente, de criar algo a partir do fundamento material dado do conhecimento, a imaginação indica um elevado grau de independência, a liberdade em meio a um mundo de não-liberdade.<sup>5</sup>

Nesse trecho, onde os dois termos – fantasia e imaginação – estão presentes, fica clara a mencionada identificação de ambas, realizada por Marcuse. Por sua potência de transcender o

<sup>4</sup> *Ibidem*, p.143. Na tradução brasileira, p.134.

<sup>5</sup> MARCUSE. “Philosophie und kritische Theorie”, em *Kultur und Gesellschaft I*, p.122. Na tradução brasileira, “Filosofia e Teoria Crítica”, em *Cultura e Sociedade*, v.1, p.155.

presente e imaginar o futuro, a fantasia possui a capacidade de apresentar o sujeito a partir do que ele efetivamente pode ser. A força de recusar e de transcender a realidade dada revela a relação entre processo criativo e resistência. Quando entrelaçado com o poder cognitivo da fantasia, “o pensamento transforma-se em jogo, *jeu interdit*; o *esprit de sérieux* cede lugar à *gaya scienza*, à embriaguez e ao riso”, escreve nosso autor, e até Hegel, “o mais sério dos filósofos, sabia disto bem”.<sup>6</sup> Entretanto, ressalta Marcuse, “deixar a fantasia livre para a construção de um mundo mais belo e mais feliz permanece privilégio das crianças e dos loucos”.<sup>7</sup>

As verdades da fantasia são realizadas quando ela toma forma objetiva nas obras de arte e cria um novo universo de percepção e de compreensão, ao mesmo tempo, objetivo e subjetivo. A experiência estética exige um modo próprio de percepção, a ser alcançado através do encontro entre o indivíduo e a obra, através de uma espécie de jogo entre ambos, do qual o sujeito sai transformado pelo objeto e pelo modo da experiência. O modo próprio de percepção, exigido pela obra de arte, provoca uma mudança no modo de perceber e pode – a partir da transformação no modo da experiência – transformar a própria visão de mundo do fruidor. As obras de arte atualizam a forma da liberdade, e negam a não-liberdade presente na estrutura de onde surgiram. A função cognitiva da fantasia evidenciada na arte, o mais visível e evidente retorno do reprimido, segundo Marcuse, está ligada à negação da lógica da dominação predominante na vida humana. “Desde o despertar da consciência da liberdade, não há obra de arte genuína que não revele seu conteúdo arquetípico: a negação da não-liberdade”.<sup>8</sup> Toda obra de arte é negação.

Entretanto, mesmo considerando as obras de arte como um exercício de liberdade e como portadoras de uma recusa ao mundo existente, essa função crítica esbarra no limite da forma estética, no prazer por ela provocado: a expressão artística reconcilia a negação – sedimentada em sua expressão formal – com a realidade antagônica. “A qualidade estética do prazer (*enjoyment*)”, escreve Marcuse, “é inseparável da essência da arte, não importa quão trágica, quão intransigente a obra seja”.<sup>9</sup> Sob o véu da arte, mesmo a expressão do horror pode provocar o gozo – como já observara Aristóteles no início da *Poética*. Ainda assim, i.e, mesmo provocando prazer, a arte é oposição, é a expressão e o retorno do reprimido em imagem libertadora. Com sua mera presença, até a mais conformista das obras indica um sinal de incompletude no que estava dado.

<sup>6</sup> MARCUSE. “Love Mystified: A Critique of Norman O. Brown, em *Negations*, p.228-229.

<sup>7</sup> MARCUSE. “Philosophie und kritische Theorie”, p.122. Na tradução brasileira, “Filosofia e Teoria Crítica”, p.155.

<sup>8</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.144. Na tradução brasileira, p.135.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.145. Na tradução brasileira, p.135.

A partir da década de 1950, pode-se perceber o repúdio das vanguardas às tradicionais formas miméticas da arte na tendência ao abandono da figuração, do discurso linear, da tonalidade tradicional em favor da tonalidade livre, da descontinuidade discursiva, da abstração, e da adoção de novas formas que não provocam prazer imediatamente, mas, ao contrário, quando e se o fazem, isso exige mediações e reflexões, Marcuse observa uma radicalização dos movimentos artísticos na direção de evitar a reconciliação formal imediata alcançada através do prazer estético.

Como Freud, o filósofo percebe que, enquanto a arte pode ser considerada a forma mais sublimada de expressão das fantasias e, portanto, de oposição ao princípio de realidade, formas menos sublimadas encontram espaços nos sonhos, devaneios, piadas, brincadeiras. A grande diferença existente entre a teoria freudiana e suas próprias reflexões, para Marcuse, diz respeito ao fato de, na primeira, as imagens da fantasia expressarem desejos relativos a um passado primevo, tanto do gênero quanto do indivíduo, presentes em todas as civilizações, na medida em que o processo civilizatório só se desenvolve a partir da cisão da unidade psíquica originalmente toda voltada ao prazer, cuja imagem desejável permanece impressa, como pegadas, nos registros mnemônicos. Entretanto, enquanto na metapsicologia freudiana libertar-se da repressão implica a volta a estágios passados dos processos psíquicos e biológicos, e a partir desse ponto de vista, a ideia de um princípio de realidade menos repressivo torna-se indissociável da necessidade de regressão a estágios anteriores ao princípio de individuação, a estágios sub-históricos, e mesmo sub-humanos; para Marcuse, ao contrário, as imagens da fantasia podem dizer respeito mais ao futuro ainda não conquistado do que à recuperação do passado. Nessa perspectiva, um princípio de realidade menos repressivo pode ser realizado historicamente a partir do desenvolvimento da consciência – que não significa apenas regressão. Posição que o afasta de Freud, para quem tudo isso pareceria, “no máximo, uma bela utopia”.<sup>10</sup>

173

Cabe perceber que não se trata, ao contrário das opiniões de comentadores apressados, de negar a necessidade de submeter-se ao princípio de realidade, e sim de rever e criticar a forma da realidade adotada por tal princípio, com o qual se tem necessariamente de estabelecer acordos. Marcuse é bastante atento às simultâneas independência e interdependência existentes na relação entre a interioridade dos indivíduos e o mundo exterior, entre as fantasias e a realidade na qual esta se insere.

Se aceitarmos que a realidade com a qual lidamos é constituída a partir de coordenadas simbólicas, parece preciso pensar com Marcuse que o que pode ser questionado não é o fato de o

<sup>10</sup> *Ibidem*, p.147. Na tradução brasileira, p.137.

indivíduo precisar reprimir seus impulsos diante da realidade exterior, da qual depende sua própria existência, e sim o nível de repressão por ela exigido. Trata-se de diferenciar – na composição da chamada “realidade” – as determinações da natureza e as das culturas. Em outras palavras, trata-se de diferenciar natureza e estruturas históricas. E se aceitarmos que a estrutura sociocultural é criada através de coordenadas simbólicas, o que parece ser desígnio fatal da natureza pode ser apenas design histórico – sem desconsiderar o quanto a história tem sido fatal. O filósofo não pretende negar a necessidade de submeter-se à realidade exterior e sim perceber a forma contingente desta e, com isso, revelar a possibilidade de se criar outras formas de organização da realidade. O próprio Freud, em *A civilização e seus descontentes*, atribui o sofrimento humano a três fontes, são elas: (1) a força superior da natureza, (2) o destino de nossos corpos à decadência, (3) a inadequação de nossos métodos para regular as relações humanas na família, na comunidade e no Estado; e considera que, enquanto as duas primeiras são provenientes de fontes naturais, a última é, *strictu sensu*, produto da história.

Conforme já foi observado, faz-se necessário, portanto, distinguir as determinações da realidade provenientes da natureza daquelas instituídas ao longo da história, mesmo diante da impossibilidade de se separar completamente umas das outras. As críticas que acusam Marcuse da tentativa – fadada ao fracasso – de abolir toda e qualquer forma de repressão ficam sem fundamento quando se percebe que o alvo do filósofo são aquelas formas repressoras naturalmente desnecessárias e socialmente degradantes. Alvo baseado na necessidade de se lançar luz sobre o fato de, muitas vezes, as leis inventadas pela humanidade serem consideradas como se fossem provenientes das leis da natureza, o contingente ser considerado como necessário, o histórico como natural. As estruturas sociais emergem de sistemas cujas hierarquias das funções e relações sociais assume – ou pretende assumir – a forma da razão objetiva, e a norma passa a ser identificada como a própria vida da sociedade. Nas palavras do filósofo,

os vários modos de dominação (do homem e da natureza) resultam em várias formas históricas do princípio de realidade. Por exemplo, uma sociedade na qual os membros trabalham normalmente para viver requer outros modos de repressão do que uma sociedade na qual o trabalho é terreno exclusivo de um determinado grupo. De modo similar, a repressão será diferente em escopo e grau conforme a produção social seja orientada para o consumo individual ou para o lucro; a economia de mercado prevaleça ou a economia planejada; a propriedade seja privada ou a comum.<sup>11</sup>

As diferenças fazem-se sentir na constituição do princípio de realidade na medida em que este está incorporado em um sistema de instituições, relações sociais, leis (escritas e não escritas)

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.37. Na tradução brasileira, p.52.

e valores determinantes na orientação das pulsões individuais. O “corpo” do princípio de realidade apresenta diferenças em estágios de civilização diferentes. E se, por um lado, qualquer forma de princípio de realidade demanda considerável grau e amplitude de controle repressivo das pulsões; por outro lado, instituições e interesses históricos específicos introduzem controles adicionais, particulares, além daqueles indispensáveis à associação social humana. Nas reflexões do filósofo, esse excesso merece uma duplicação terminológica dos conceitos: os controles considerados supérfluos, advindos de formatos específicos de dominação, são denominados por Marcuse de “mais-repressão” (*surplus-repression*). O termo explicita a diferença entre o grau de repressão pulsional socialmente necessária, daquela requerida por um determinado sistema de dominação. A mais-repressão é fruto das restrições necessárias a uma determinada forma de dominação social, e é distinta, portanto, “de repressão (básica): as ‘modificações’ dos instintos necessários à perpetuação da raça humana na civilização”.<sup>12</sup> A necessidade de repressão presente em qualquer forma de civilização, uma vez que a gratificação total e imediata das pulsões é incompatível com a própria sobrevivência, é diferenciada daquela relativa ao estabelecimento, ou consolidação, de privilégios. Horowitz qualifica de “obtusa e preconceituosa” toda crítica que acusa Marcuse de propor a eliminação de toda e qualquer repressão e que desconsidera o desdobramento do conceito por ele realizado.<sup>13</sup> O termo adotado, *mais-repressão*, remete sem dúvida ao conceito de mais-valia, cunhado por Marx, e revela como a necessidade de repressão básica, imposta pela natureza, foi fermentada pelas estruturas sociais ao longo da história e transformou-se em *mais-repressão*.

Como uma espécie de trincheira contra a imposição desnecessária de mais-repressão, o filósofo insiste na força cognitiva da fantasia e ressalta seus elos indissolúveis com todas as outras funções psíquicas. A fantasia é a “atividade criativa da qual fluem as respostas a todas as questões respondíveis”<sup>14</sup>, registra Marcuse, citando os *Tipos psicológicos*, de Jung, para quem a fantasia é “a mãe de todas as possibilidades na qual todas as oposições mentais, tanto quanto o conflito entre mundos interno e externo, são unidas”.<sup>15</sup> A fantasia salta sobre o abismo existente entre as irreconciliáveis demandas do sujeito e o mundo objetivo, e o faz não apenas voltada para o passado e sim com vistas a possibilidades futuras. Entretanto, ressalta o filósofo, Jung, como Freud, também enfatiza, sobretudo, o traço regressivo da fantasia e descreve o pensamento onírico como uma regressão à percepção original, que “move-se de maneira retrógrada em direção à

<sup>12</sup> *Ibidem*, p.35. Na tradução brasileira, p.51.

<sup>13</sup> HOROWITZ. *Repression. Basic and Surplus-repression in Psychoanalytic Theory: Freud, Reich and Marcuse*, p.3. A esse respeito, cf. KANGUSSU. *Leis da liberdade*, p.93 a 96.

<sup>14</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.148. Na tradução brasileira, p.138.

<sup>15</sup> JUNG. *Psychological Types*, p.96. *Apud* MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.148. Na tradução brasileira, p.138.

matéria-prima (*raw material*) da memória”.<sup>16</sup> Distintamente, conforme vimos, Marcuse pensa a fantasia como portadora de uma ambiguidade temporal, simultaneamente retrospectiva e expectante, dirigida pela e à realidade histórica. E considera seu teor de verdade não apenas em relação com o passado, como também dirigido ao futuro. “Em sua recusa a aceitar as limitações impostas à liberdade pelo princípio de realidade, em sua recusa a esquecer o que *pode ser*, reside a função crítica da fantasia”.<sup>17</sup>

A ênfase no que *pode ser*, no ainda-não, no *nunc stans* fundador do princípio de esperança na filosofia de Ernst Bloch, ressoa forte no movimento surrealista, conforme se percebe na seguinte passagem do *Manifesto do surrealismo*: “reduzir a imaginação à escravidão, mesmo que fosse àquilo que, grosseiramente, se chama felicidade, é privar-se de tudo que se encontra, no fundo de si, de justiça suprema. Somente a imaginação nos diz o que *pode ser*”.<sup>18</sup> Marcuse observa que os surrealistas vão além da metapsicologia freudiana ao considerarem que o sonho pode ser aplicado na solução de problemas fundamentais da vida, que “a adesão intransigente ao estrito valor de verdade da imaginação compreende a realidade mais completamente”.<sup>19</sup> Na perspectiva surrealista, adverte Ferdinand Alquié, “a razão adulta, social, cotidiana, não se contenta em oprimir o homem, ela o trai”.<sup>20</sup> E segundo Andre Breton, “é verdadeiramente para nossa fantasia que vivemos”,<sup>21</sup> de modo que, de acordo com o surrealista francês, deve-se dar graças a Freud, pois, “na trilha de suas descobertas, esboça-se, enfim, uma corrente de opinião a favor da qual o explorador humano poderá levar mais longe suas investigações, autorizado que está a não levar em conta realidades sumárias. A imaginação talvez esteja prestes a reclamar seus direitos”.<sup>22</sup> No comentário de Alquié,

O que Breton condena é o pragmatismo, a busca calculada e calculadora de uma felicidade limitada e prudente, que pede a renúncia ao sonho e às exigências essenciais do desejo. É para cuidar desta felicidade que a maior parte dos homens consente, precisamente, em separar a beleza de suas vidas, em tê-la por abstrata e formal, em pregá-la no muro para contemplá-la aos domingos, vivendo, durante a semana, como diz ainda Breton, “a vida dos cachorros”.<sup>23</sup>

<sup>16</sup> JUNG. *Psychology of the Unconscious*, p.13-14. Apud MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.148. Na tradução brasileira, p.138. “No desenvolvimento da psicologia de Jung, suas tendências obscurantistas e reacionárias tornaram-se predominantes e eliminaram os insights críticos da metapsicologia freudiana”. *Ibidem*.

<sup>17</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.149. Na tradução brasileira, p.138.

<sup>18</sup> BRETON. *Les Manifestes du Surréalisme*, p.15. Na tradução brasileira, *Manifesto do Surrealismo*, p.169. Citado em MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.149. Na tradução brasileira, p.138.

<sup>19</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.149. Na tradução brasileira, p.139.

<sup>20</sup> ALQUIÉ, Ferdinand. *La Philosophie du Surréalisme*, p.117.

<sup>21</sup> BRETON. *Les Manifestes du Surréalisme*, p.37. Na tradução brasileira, p.180.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p.25. A última frase é citada em MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.149. Na tradução brasileira, p.138.

<sup>23</sup> ALQUIÉ. *Op. cit.*, p.19.

O fato de as proposições expressas nas fantasias artísticas serem não-verdadeiras, em termos da organização dos fatos dada, faz parte da essência de sua verdade. Marcuse reproduz a passagem onde Whitehead afirma que “a verdade de que alguma proposição a respeito de uma ocasião real é não-verdadeira pode expressar a verdade vital como realização estética. Ela expressa a ‘grande recusa’ que é sua característica primordial”.<sup>24</sup> A “grande recusa” acontece através da expressão de uma verdade sem lugar na chamada realidade em curso e, portanto, considerada mentira, ou no mínimo, irrealidade, ficção, mera fantasia. Neste sentido, a “verdade vital” realiza-se esteticamente como expressão de uma verdade que ainda não é considerada como tal e que só encontra espaço na ficção. Vale lembrar a afirmação lacaniana de que a verdade tem a estrutura de ficção...

Perceber a obra de arte como lócus da expressão de uma verdade que ainda é considerada não verdadeira ajuda a entender as dificuldades enfrentadas pelas chamadas vanguardas, que confrontam o público com suas obras “difíceis”. A “grande recusa” afirma a distinção entre o atual e o verdadeiro. Interessa a Marcuse ressaltar que o atual não é o verdadeiro, a realidade não é o real. Com o auxílio luxuoso das maiúsculas alegorizantes, a Grande Recusa é, posteriormente, adotada pelo filósofo como conceito fundamental para negar o que é dado como realidade e para configurar uma atitude que se distingue radicalmente do positivismo. A Grande Recusa à realidade oferecida como tal faz vir à tona a atualidade do desejo reprimido e só pode ser formulada impunemente na fantasia e na linguagem artística. Em contextos pretensamente mais realistas, como na teoria política, e mesmo na filosofia, ela é difamada como utopia, como ideia sem lugar, lamenta o filósofo. Essa ação de relegar a Grande Recusa ao dado para o terreno utópico é essencialmente um movimento de mais-repressão. Distintamente, se o desenvolvimento pulsional orientar-se para o presente histórico da civilização madura – e não apenas para o passado sub-histórico – “a própria noção de utopia perde seu sentido”,<sup>25</sup> na medida em que a carência humana, *ananke*, *Lebensnot*, considerada por Freud como a base do princípio de realidade, foi sensivelmente amortizada pelo progresso material da civilização. O problema é que, às evidentes e maravilhosas conquistas tecnocientíficas objetivas, que permitem solucionar as necessidades materiais em escala global, não correspondeu o desenvolvimento subjetivo análogo, capaz de promover a utilização dessas conquistas universalmente, colocando-as ao alcance de quem delas

<sup>24</sup> WHITEHEAD. *Science and the Modern World*, p.197. Citado em MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.149. Na tradução brasileira, p.139. O texto já fora citado pelo filósofo, dez anos antes, em “Algumas considerações sobre Aragon” [1945], em MARCUSE. *Tecnologia, guerra e fascismo*; p.270.

<sup>25</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.150. Na tradução brasileira, p.139.

precisar. Com isso, a “escassez e imaturidade permanecerem grandes o suficiente para evitar a realização do princípio ‘a cada um de acordo com sua necessidade’.”<sup>26</sup> A definição da qualidade de vida em termos estritamente materiais justifica facilmente a manutenção da mais-repressão. Para pensar outro paradigma, Marcuse relembra a afirmação de Baudelaire, segundo a qual “a verdadeira civilização [...] não está no gás, nem no vapor, nem nas mesas giratórias. Está na diminuição do pecado original”.<sup>27</sup> Acusado, em 1969, por utilizar a ideia de “pecado original”, Marcuse explica:

isso quer dizer que o conceito, que eu não aceito, tornou-se verdadeiramente uma forma motriz no desenvolvimento da civilização. Neste sentido, pode-se dizer, sem portanto aceitar a verdade do conceito de pecado original, que a civilização se define pela redução gradual das consequências do pecado original. Creio que esta é uma das melhores definições de civilização. Infelizmente, ainda não é um fato.<sup>28</sup>

Em uma civilização madura, a riqueza material e intelectual permitiria a gratificação das necessidades sem que esta fosse sistematicamente obstruída pela dominação. “Há uma distinção muito antiga entre dominação e administração: de um lado o desenvolvimento da sujeição dos homens a uma autoridade privilegiada e, do outro lado, uma administração racional”.<sup>29</sup> Ainda que o sistema estabelecido não pareça opressivo para a parcela privilegiada da população, o filósofo observa que “a base repressiva e exploradora do sistema o infecta como um todo”.<sup>30</sup> Em uma administração racional, “Eros, as pulsões de vida, seria libertado num grau sem precedentes”.<sup>31</sup> Marcuse considera a oposição à hipótese de que a fantasia, mesmo quando expressa na dimensão estética, possa validar um princípio de realidade:

Como a imaginação, que é sua faculdade mental constitutiva, o reino da estética é essencialmente “irrealista”: ele reteve sua liberdade diante do princípio de realidade ao preço de ser inefetivo na realidade. Valores estéticos podem funcionar na vida para adorno e elevação cultural, ou para *hobbies* privados, mas *viver* com esses valores é privilégio dos gênios ou marca de boêmios decadentes.<sup>32</sup>

<sup>26</sup> *Ibidem*, p.151. Na tradução brasileira, p.140. A frase citada é de Marx.

<sup>27</sup> BAUDELAIRE. *Meu coração desnudado (Mon Coeur Mis à Nu)*, LIX, p.110. Citado em MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.153. Na tradução brasileira, p.141-142. Tanto no original, quanto na tradução, a citação está com o número trocado (aparece como XXXII).

<sup>28</sup> MARCUSE, “Cinquième Entretien”, entrevista realizada em Rencontre Internationales de Genève, em 1969, e publicada em *La Liberté et l'Ordre Social*. Neuchâtel: Éd. De la Baconnière, 1970; p.276.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p.273.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p.267.

<sup>31</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.154; na tradução brasileira, p.142.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.172; na tradução brasileira, p.156.

E também das crianças, das mulheres e dos loucos, escreve o filósofo, na sequência. “É claro que a fantasia não pode ter um efeito direto sobre a realidade; mas na medida em que ela modifica a ‘atitude subjetiva para com a realidade’, ela indiretamente modifica a realidade”.<sup>33</sup> Diante de tal situação, Marcuse mostra que a desqualificação dos valores estéticos é mais uma tentativa de abafar as verdades inimigas do princípio de realidade baseado na mais-repressão. A dimensão *estética* encontra-se em íntima associação com sensibilidade, beleza, arte, fantasia e liberdade. Nela, fica preservada a verdade dos sentidos, ficam reconciliadas as faculdades “inferiores” com as “superiores”, sensualidade e prazer convivem com intelecto e razão.

Na sociedade capitalista, a corrida para aumentar a produção material e o lucro hierarquiza as faculdades humanas considerando as abstratas “superiores”, e as sensíveis e mais ligadas às pulsões “inferiores”. Tal valorização da abstração sinaliza o alto teor de fantasia presente no terreno onde se estabelecem os valores. Dentro dessa hierarquia, “a razão aparece essencialmente como um princípio de renúncia”.<sup>34</sup> E a liberdade é definida como a desejada autonomia da razão em relação aos sentidos e aos impulsos, como escravização destes aos procedimentos exigidos pelo sistema produtivo adotado. Ser livre é ser capaz de não ceder aos próprios desejos. A base psicológica do progresso da civilização encontra-se na transformação repressiva da estrutura psíquica original. “Dessa transformação não resulta apenas a conversão do organismo em instrumento de trabalho desprazeroso”, adverte Marcuse, mas principalmente “a subordinação da felicidade e da satisfação à produtividade”.<sup>35</sup> A técnica que se pretendia libertária submete a humanidade a seu regime. Ao invés de libertar, a máquina submete os seres humanos ao funcionamento maquinal. Se, por um lado, o progresso técnico é um valor positivo e condição fundamental para o progresso da humanidade em sentido mais amplo, por outro lado não é condição suficiente, pois não é evidente que leve a este. O progresso técnico, pretensamente livre de valores, contém um valor bem determinado, ligado à produtividade, considerada o mais alto valor na sociedade industrial moderna. “A produtividade é inseparável do princípio moderno de progresso”.<sup>36</sup>

Nessa estrutura, Marcuse assinala que o princípio de realidade converte-se no, por ele denominado, “*princípio de performance*”. E com isso seu pensamento vai além do freudiano, pois, se por um lado, como percebe Freud, a adaptação ao princípio de realidade mantém o organismo

<sup>33</sup> MARCUSE. *Sovietic Marxism*, p.134; na tradução brasileira, *Marxismo Soviético*, p.124.

<sup>34</sup> MARCUSE. “A noção de progresso à luz da psicanálise”, em *Cultura e Psicanálise*, p.117.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p.123.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p.115.

vivo no mundo externo (criado pela natureza e modificado pela cultura) e “uma organização repressiva das pulsões é subjacente a todas as formas históricas do princípio de realidade na civilização”<sup>37</sup>; por outro lado, enquanto na metapsicologia freudiana uma forma específica de realidade é considerada necessária, Marcuse insiste em salientar a contingência dessa forma e, para superar o caráter fatalista da teoria de Freud, realiza, mais uma vez, a duplicação de um conceito, sem abandoná-lo. A expressão freudiana que não diferencia as vicissitudes biológico-naturais das histórico-sociais é emparelhada com a que assinala as diferenças entre ambas: o *princípio de realidade* freudiano – produzido pela percepção da necessidade, posta pelo mundo objetivo, de reprimir as pulsões – que não pode ser ignorado, é diferenciado do *princípio de performance*, que destaca a historicidade do teor de repressão considerado necessário ao funcionamento da sociedade capitalista. O primeiro, cunhado por Freud, diz respeito à *repressão*; o segundo, criado por Marcuse, à *mais-repressão*. O *princípio de performance* implica normas e padrões reguladores do comportamento, das relações e da própria posição do ser humano na sociedade, segundo a performance competitiva do indivíduo.

A racionalidade em curso é a do princípio de performance, e a tentativa de formular um construto teórico de cultura capaz de ir além desse princípio tem sido considerada irrazoável. Aliás, desde o início da civilização ocidental, muito antes de o princípio de realidade ter se transformado no de performance, a razão já era considerada como instrumento de controle, de dominação, de repressão pulsional, e antagônica a todo terreno da sensorialidade, do prazer, dos impulsos, da fantasia, considerado como território a ser subjogado. Conforme Marcuse,

Quaisquer que sejam as implicações da concepção grega original de Logos como a essência do ser, desde a canonização da lógica aristotélica, o termo fundiu-se com a ideia de razão ordenadora, classificadora, dominadora. E essa ideia de razão tornou-se, cada vez mais, antagônica daquelas faculdades e atitudes que são mais receptivas do que produtivas, que tendem à gratificação mais do que à transcendência – que permanecem fortemente vinculadas ao princípio de prazer. Estas aparecem como o irrazoável e irracional que deve ser conquistado e contido para servir ao progresso da razão. Razão é assegurar, através da cada vez mais efetiva transformação e exploração da natureza, a realização das potencialidades humanas. Mas, no processo, o fim parece recuar diante dos meios: o tempo dedicado ao trabalho alienado absorve o tempo para as necessidades individuais – e define as próprias necessidades. O Logos destaca-se como lógica da dominação. Quando então a lógica reduz as unidades de pensamento a sinais e símbolos, as leis do pensamento convertem-se, finalmente, em técnicas de cálculo e manipulação.<sup>38</sup>

Ainda assim, assinala Marcuse, o triunfo da lógica da dominação nunca foi total nem incontestado: “quando Freud enfatizou o fato fundamental de a fantasia (imaginação) reter uma

<sup>37</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, p.34. Na tradução brasileira, p.50.

<sup>38</sup> MARCUSE. *Eros and Civilization*, 111-2. Na tradução brasileira, p.108.

verdade que é incompatível com a razão, ele estava seguindo uma longa tradição histórica. A fantasia é cognitiva na medida em que preserva a verdade da Grande Recusa”.<sup>39</sup>

As estranhas verdades da fantasia permanecem vivas nos mitos, no folclore, nos contos de fadas, na literatura, nas canções populares e em outras formas que transformam nosso modo de perceber e, com isso, de entender e organizar a realidade. Assim, encarnada na arte, a fantasia retroage sobre a realidade e a transforma. Seria difícil imaginar um mundo sem nada homérico, hercúleo, ou quixotesco, e houve épocas em que os personagens que dão corpo a tais atributos nem existiam. Ainda que a ideia de que a fantasia forneça padrões para atitudes existenciais tenha sido e ainda seja considerada “mera fantasia”, no sentido mais prosaico da expressão, símbolos e arquétipos, lendas e poemas são aceitos como luminares, mesmo quando considerados como expressão de estágios há muito ultrapassados. Na contramão dessa perspectiva, Marcuse amplia o papel da fantasia e encontra registros anteriores dessa ampliação, quando observa, por exemplo, que “a afirmação de Novalis de que ‘todas as faculdades e forças internas, e todas as faculdades e forças externas, devem ser deduzidas da imaginação produtiva’, tem permanecido uma curiosidade – como o programa surrealista *de pratiquer la poésie*”.<sup>40</sup> Deste modo, a fantasia aparece como uma atividade mental produtiva capaz de criar um mundo que ainda não existe. E nesta apresentação do desejo que ainda não se realizou reside sua potência libertadora.

181

### Referências:

ALQUIÉ, Ferdinand. **Philosophie du surrealisme**. Paris: Flammarion, 1977.

BAUDELAIRE, Charles. **Meu coração desnudado**. Tradução de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1981.

\_\_\_\_\_. **Mon coeur mis à nu**, em Oeuvres postumes, vol. II. Paris: Ed. Conrad, 1952.

BRETON, André. **Les manifestes du surréalisme**. Paris: Ed. Du Sagittaire, 1946.

\_\_\_\_\_. “Manifesto do Surrealismo, 1924”, em TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

FREUD, Sigmund. “Formulações sobre dois princípios de funcionamento mental” [1911], em **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

<sup>39</sup> *Ibidem*, 159. Na tradução brasileira, p.146.

<sup>40</sup> *Ibidem*, 160. Na tradução brasileira, p.147. A citação de Novalis encontra-se em NOVALIS. *Schriften III* (Jena: Eugen Diederichs, 1923), p.375.

HOROWITZ, Gad. **Repression. Basic and surplus-repression in psychoanalytic theory:** Freud, Reich and Marcuse. Toronto: University of Toronto Press, 1977.

KANGUSSU, I. **Leis da liberdade.** A relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse. São Paulo: Loyola, 2008.

MARCUSE, Herbert. “Algumas considerações sobre Aragon”, em **Tecnologia, guerra e fascismo.** Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. “Cinquième entretien”, in **La liberté et l’ordre social.** Neuchâtel: Éd. De la Baconnière, 1970.

\_\_\_\_\_. *Eros and Civilization: a Philosophical Inquiry into Freud.* Boston: Beacon Press, 1955.

\_\_\_\_\_. **Eros e civilização.** Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

\_\_\_\_\_. “Filosofia e Teoria Crítica”, em **Cultura e sociedade**, v.1. Trad. Isabel Loureiro *et al.* São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Marxismo soviético.** Uma análise crítica. Trad. Carlos Weber. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

\_\_\_\_\_. **Negations:** essays in critical theory. Boston: Beacon Press, 1968.

\_\_\_\_\_. “A noção de progresso à luz da psicanálise”, em **Cultura e psicanálise.** Trad. Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. “Philosophie und kritische theorie”, em **Kultur und Gesellschaft I.** Frankfurt: Suhrkamp, 1965.

\_\_\_\_\_. **Soviet marxism; a critical analysis.** New York: Vintage Books, 1961.

NOVALIS. **Schriften III.** Jena: Eugen Diederichs, 1923.

WHITEHEAD, Alfred North. **Science and the modern world.** Cambridge: University Press, 1926.